

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ARAÚJO, José Newton Garcia de. Tempo do sujeito, tempo do mundo, tempo da clínica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. IV, n. 2, p. 235-250, set. 2004.
- ARAÚJO, Sandra Regina Magalhães de. **Escola para o trabalho, escola para a vida: o caso da Escola Família Agrícola de Angical - Bahia**. 2005. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores, 38)
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- _____. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BALEN, Regina Maria Lopes Van. **Sujeito e identidade em Nietzsche**. Rio de Janeiro: Uapê/Seaf, 1999.
- BARBIER, René. A escuta sensível em educação. **Cadernos ANPED**, Belo Horizonte: UFMG, n. 5, p. 187-286, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Lisboa: Porto, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer.** São Paulo: Editora da USP, 1996.

_____. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O trabalho do saber.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo.** Brasília, 2002.

BRUNNER, José Joaquín. **Cartografias de la modernidad.** Santiago Chile: Dólmén Ediciones, 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo. Hucitec, 1996.

CARNEIRO, Maria José, et al. (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARNEIRO, Maria José. **Valor da terra e padrão de herança entre pequenos agricultores familiares**. Vitória: [s.n.], 1998. Trabalho apresentado na XXI da Associação Brasileira de Antropologia.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. (Org.). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CIAMPA, Antônio da Costa. **Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CONTRERAS, Rolando N. Pinto. Os programas de educação não-formal como parte integrante do processo de educação e de organização popular. **Educação em Debate**, Fortaleza, n. 4, 139-203, jan./jun, 1982.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CORACINI, Maria José. Autonomia, poder e identidade na aula de língua. In: PASSEGI, L; OLIVEIRA, S. (Org.). **Linguística e educação: gramática, discurso e ensino**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

_____. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____. (Org.). **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

DAYRELL, Juarez (Org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. **O dizer da prática na formação do professor**. Chapecó: Argos, 2002.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio, FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIANSANTI, Roberto. **A cidade e o urbano no mundo atual**. 2.ed. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2006. (Viver, aprender)

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GLISSANT, Edouard. **Poétique de la relation**. Paris: Gallimard, 1990.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMES, Antenor Rita. **Falando em imagens: o processo de produção de sentidos sócio-pedagógico no uso do texto imagético-verbal em atividades de ensino da língua Portuguesa**. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

_____. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n.24, p. 68-75, 1996.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 15.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (Orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- HORN, Carla Cármin et al. Passo a passo: caminhos percorridos pela pesquisa. In: LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- HUSSERL, Edmund A. **A filosofia como ciência de rigor**. Coimbra: Atlântica, 1975.
- JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.
- KNIJNIK, Gelsa. As novas modalidades de exclusão social: trabalho conhecimento e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 4, p. 35-42, 1997.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros a nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- LOBO, Tancredo. **Currículo e identidade na educação**. Fortaleza: Livro Técnico, 2005.
- LOPES, Luiz Paula da Moita. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- _____. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada à linguagem como condição e solução. **D.E. L. T. A.**, v.10, n. 2, p.329-338, 1994.
- _____. (Org.). **Discursos de identidades**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa qualitativa em educação: enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

MARTINS, José de Sousa. A valorização da escola e do trabalho no meio rural. **Em Aberto**, Brasília, ano 1, n. 9, p.7-18, set., 1982.

_____. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, v.15, n.43, p.31-36, out. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 18 set. 2007

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **Manual de História oral**. São Paulo: Loyola, 1996a.

_____. (Org.). **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xaman, 1996b. (Eventos)

MELLO, Thiago. **A vida verdadeira: vento geral: poesia 1951/1981**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1984.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: tema e situações**. São Paulo: Ática, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, José Roberto (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____; COSTA, Luís Flávio de. O rural no presente. In: MOREIRA, José Roberto (Org.). **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. **Memória e identidade: travessia dos velhos professores**. Maringá: EDUEM, 1998.

MUNIZ, Dinéia Maria Sobral. **Pedagogia do desejo de ler**. 1999. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Histórias de leitura de alunos e alunas da roça: itinerários de leitura numa semiótica da terra. In: MUNIZ, Dinéia Maria Sobral, SOUZA, Emília Helena P. M.; BELTRÃO, Lícia Maria Freire (Org.). **Entre textos, língua e ensino**. Salvador: EDUFBA, 2007.

MURRAY, Rosana. **Um avô e seu neto**. São Paulo: Moderna, 2000.

MUSSALIM, Fernanda. **Linguagem: práticas de leitura e escrita**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004. v.1. (Viver, aprender).

NEDER, Gizlene. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1998.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, n.3, p. 109-116, jun.2000.

OLIVEIRA, Ozerina Victor. Pelas veredas do grande sertão: pensando uma lógica que dê centralidade à cultura em estudos de política cultural. **Revista de Educação Pública**, v. 14, n.25, p. 149-163, jan./jun., 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2003.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os conceitos epistemológicos da análise de discurso. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n.1, jan., 1998.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNIORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. São Paulo: Fapesp, 1998.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINEAU, Gaston. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. In: SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

PINHO, Ana Sueli Teixeira de; SANTOS, Stella Rodrigues dos. Classes multisseriadas no meio rural: entre a persistência do passado e as imposições do presente. **Revista de Educação CEAP**, Salvador, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, ano 12, n. 47, p. 55-66, dez. 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis: Vozes, 2003.

- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. A queda dos Ângelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções. **Novos estudos CEBRAP**, n. 47, mar. 1997.
- _____. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTOS, Fábio Josué Souza dos. **Nem “tabaréu/oa”, nem “doutor/a”**: o/a aluno/a da roça na escola da cidade: um estudo sobre identidade e escola. 2006. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SARRACENO, Elena. O conceito de ruralidade: problemas de definição em escala europeia. In: ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pud/td/autor005.html>>. Acesso em: 10 ago. 2006
- SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: FAPESP, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis< RJ: Vozes, 2000.
- SOARES, Leôncio J. G. **Educação de jovens e adultos: as diretrizes curriculares nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.
- SOUZA, Gizele de. Currículo para os pequenos: o espaço em discussão! **Revista Educar**, Curitiba: Editora da UFPR, n.17, p.79-99, 2001.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Agricultura e sociedade**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 42-61, out. 2003.

_____. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, N. (Comp.). **Una nueva ruralidad in America Latina?** Buenos Aires: CLACSO/ASDI, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PROJETO DO CURSO DE EXTENSÃO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV

Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPE
Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia – NEO

JANE ADRIANA VASCONCELOS PACHECO RIOS

Projeto de extensão

SER E NÃO SER, EIS A QUESTÃO!
RODAS DE CONVERSAS SOBRE IDENTIDADES

JACOBINA – BA
2006

INTRODUÇÃO

Então (o camponês) descobre que,
tendo sido capaz de transformar a terra,
ele é capaz também de transformar a cultura:
renasce não mais como objeto dela,
mas também como sujeito da história.
(PAULO FREIRE, 1996)

O projeto de extensão “*Ser e não ser, eis a questão! Rodas de conversas sobre identidades*” – articulado ao projeto de doutorado em Educação “Entre a roça e a cidade: um estudo sobre as identidades do sujeito de linguagem no contexto escolar”³⁰ - propõe trabalhar com as histórias de vida dos alunos e alunas da roça que estudam na cidade, observando os desvelamentos de suas trajetórias como sujeitos de linguagem a partir da produção de suas identidades.

Na busca de uma reflexão mais ampla sobre a questão da identidade do sujeito de linguagem é fundamental indagarmos sobre as vivências, as práticas dos sujeitos que ocorreram e ocorrem nos espaços sociais, sobre como e por que cada um se tornou o que é. Quando os sujeitos narram a si próprios, eles falam de suas experiências historicamente constituídas desde o lugar que ocupam e são essas histórias que produzem uma identidade particular, diferente, não subsumida na identidade essencialista do sujeito da modernidade. As histórias de vida documentam experiências pessoais e subjetividades tanto quanto refletem estruturas sociais, movimentos sociais e instituições nas quais os narradores, as narradoras e seus interlocutores estão inseridos.

Nos últimos vinte anos, assistimos a uma tentativa crescente de fazer ouvir a voz de atores e atrizes sociais, numa preocupação com as subjetividades, com os saberes, com as singularidades e diversidades que estes sujeitos possuem. As histórias de vida se configuram, na contemporaneidade, em estratégias de pesquisa pessoal e coletiva, politicamente desestruturante de alguns paradigmas tradicionais de investigação e paradoxalmente estruturante de um modelo de investigar implicado na escuta da pessoa, no respeito às suas narrativas e no rigoroso fluxo do diálogo. A história de vida enfatiza o valor da perspectiva do

³⁰ O referido projeto está vinculado ao Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia (NEO) através da linha de pesquisa Educação, Cultura e Linguagem.

ator social que vive o cotidiano, a experiência vivida, a produção de sentidos e significados em condições diferentes, adversas. Aqui, as histórias de vida de alunos e alunas da roça que estudam na cidade constituem-se peças centrais deste cenário trazendo formas novas de conhecer o vir-a-ser de cada um, num movimento híbrido de formação identitária, marcado por negações, avanços, permanências e rupturas.

As atividades previstas neste projeto se constituirão em oficinas a serem realizadas com alunos e alunas da roça que estudam na cidade de Serrolândia, especificamente no Colégio Estadual de Serrolândia, no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante um trimestre do ano de 2007. Assim vida social e a vida dos atores sociais implicados numa prática educacional serão os subsídios das narrativas que serão vividas e produzidas neste projeto de extensão, buscando aí os sentidos produzidos entre o dito e o não-dito de uma experiência de vozes e silêncio.

OBJETIVOS

- Criar espaço para a “escuta sensível” das histórias de vida dos alunos e alunas da roça que estudam na cidade, refletindo sobre suas identidades;
- Oportunizar aos alunos e alunas da roça práticas orais diversas, revisitando a memória coletiva e individual;
- Contribuir para a formação dos sujeitos de linguagem através de variadas práticas leitoras,
- Refletir sobre a relação entre a vida na roça e a vida na cidade, situando os aspectos culturais que os constituem;
- Promover reflexões sobre os sentidos dos discursos produzidos na escola e na família sobre a construção dos saberes dos alunos e alunas da roça;
- Promover a integração roça, cidade, escola e comunidade;

METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas neste projeto acontecerão a partir de oficinas que trarão à tona as “rodas de conversas”, numa arquitetura dialógica bakhtiniana, em que a interação será o elemento principal na constituição do “eu” na relação com o “outro”. As rodas de conversas serão atividades orais com produções diversas de textos, marcadas, sobretudo, por aspectos culturais que circunscrevem as identidades dos alunos e alunas da roça que estudam na cidade. As atividades serão realizadas para grupos de 20 alunos e alunas, inscritos no projeto pela Secretaria do Colégio Estadual de Serrolândia. Cada uma das oficinas terá um tema específico e ocorrerá em dias e horários negociados com a instituição escolar envolvida, sendo em número de três a cada mês no período compreendido entre março e maio de 2007, com carga horária total de 30 horas.

O projeto prevê a participação dos alunos e alunas da roça que estudam no Programa de Jovens e Adultos (EJA), no Colégio Estadual de Serrolândia, envolvendo estudos sobre linguagem, identidades e saberes.

As oficinas deverão acontecer em concomitância com as atividades de observação previstas no projeto de pesquisa do doutorado, sendo realizadas pela docente-autora com a participação de monitores e/ou profissionais convidados da comunidade. O presente projeto conta com a parceria do Núcleo de Estudos Orais, Memória e Iconografia (NEO), assim como, com o Colégio Estadual de Serrolândia (CES) na viabilização de espaços e equipamentos necessários para a realização das atividades, bem como na seleção e inscrição dos alunos e alunas para participarem das atividades.

CRONOGRAMA

Encontros	Mês/2007	Temas de discussão
1ª roda de conversa: Eu, a infância e a família.		
1º	Março	Quem eu sou?
2º	Março	A infância - Meus oito anos (poema)
3º	Março	Eu, minha família e a roça
2ª roda de conversa: Eu, a escola e o saber		
4º	Abril	O que sei?
5º	Abril	Histórias da escola
6º	Abril	Histórias da vida: entre a roça e a cidade
3ª roda de conversa: Eu, o trabalho e o futuro		
7º	Maio	O que faço?
8º	Maio	Histórias do trabalho
9º	Maio	Perspectivas, utopias ... projetos de vida
10º	Maio	Encerramento do curso

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Geraldo; ROCHA, Renato. Nomes de gente. In: **MPB4. Adivinha o que é**. São Paulo: Ariola, 1 disco (31 min); 33 1/3 RPM.

ESOPO. O rato do campo e o rato da cidade. In: ESOPO. **Fábulas completas**. 2.ed. Tradução de Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GONZAGA, Luiz. **Luiz Gonzaga volta pra curtir**. Direção: Jorge Salomão. Roteiro: Capinam e Jorge Salomão. São Paulo: RCA; BMG. 2001. 1CD (78 min). Gravação (ao vivo) do show realizado no Teatro Tereza Raquel, Rio de Janeiro, março de 1972.

_____. **Eu e meu pai**. Produtor: Luiz Bandeira. Direção: Arthur Fróes. Adaptação para CD: André Teixeira e Cláudia Bandeira. São Paulo: BMG, 2002. 1 CD (62 min). (Lançado originalmente em 1979).

_____. **O rei volta pra casa**. Diretor: Marcos Mecena. São Paulo: BMG, 1998. 1CD (53 min.) (Luiz Gonzaga).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 8ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOBATO, Monteiro. O rato da cidade e o rato do campo. IN: LOBATO, Monteiro. **Obra infantil completa**. São Paulo: Brasiliense, s/d, vol.3.

MOREIRA, José Roberto (Org.). **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NASCIMENTO, Jorbas. Relato de vida. In: **Um estouro de boiada**. São Paulo: Ariola, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 7ed. São Paulo: José Olympio, 1972.

SIGNIORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. São Paulo: FAPESP, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRISTEZA do Jeca. Direção e roteiro: Amacio Mazzaropi e Milton Amaral. São Paulo: 1961. 1 DVD (95 min). Produzido inicialmente por PAM filmes Ltda. (Taubaté/SP). Relançado por Cinemagia, 2003. (Mazzaropi, v. 3)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES E PROFESSORAS

ENTREVISTA

1. Percurso pessoal e profissional do professor(a) com a escola;
2. Relação com o Programa de Educação de Jovens e Adultos;
3. Relação com os alunos e alunas da roça e da cidade;
4. Concepção sobre os saberes dos alunos e alunas da roça;
5. Impactos da escola da cidade sobre o aluno e a aluna da roça;
6. Impactos da disciplina sobre o aluno e a aluna da roça;
7. Concepção de educação;
8. Concepção de conhecimento;
10. Concepção de cultura;
11. Concepção de valores e tradição.

ANEXOS

ANEXO A – MODELO DA CARTA DE CESSÃO PARA AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ALUNOS E DAS ALUNAS DA ROÇA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MODELO DA CARTA DE CESSÃO PARA AS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ALUNOS E DAS ALUNAS DA ROÇA

Eu, _____, _____ (estado civil), RG n° _____, CPF n° _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha história de vida gravada em _____ (data) para a doutoranda Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para a sua tese de Doutorado, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Serrolândia(BA), ____/____/____

(assinatura)

ANEXO B - MODELO DA CARTA DE CESSÃO PARA AS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES E AS PROFESSORAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MODELO DA CARTA DE CESSÃO PARA AS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES E AS PROFESSORAS

Eu, _____, _____ (estado civil), RG n° _____, CPF n° _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em _____ (data) para a doutoranda Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para a sua tese de Doutorado, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Serrolândia(BA), ___/___/_____.

(assinatura)

ANEXO C – MODELO FICHA DE ENTREVISTA³¹

ENTREVISTA N° _____

Data: ____/____/____

I. **Conversa preliminar** (propósito da pesquisa, expectativa da participação, estilo da entrevista - tempo e temas -, ocultação ou não da identidade e autorização para gravar).

II. Ficha de entrevistado:

a) **Nome:** _____

b) **Idade:** _____

c) **Local de nascimento:** _____

d) **Formação** (grau de escolaridade, tipo de escola que frequentou; pública, privadas ou ambas, faculdade que cursou):

e) **Experiência profissional** (características do trabalho atual – cargo, carga horária semanal – tarefas que desempenha, tempo de experiência na função):

f) **Hábitos de leitura**

g) **Escolarização e profissão de pais, avós, irmãos e filhos**

h) **Lugar que ocupa na família:**

III. Perguntas e temas centrais:

IV. Palavra puxa/outra

Roça: _____

Cidade: _____

Professor: _____

Aluno(a): _____

Saber: _____

³¹ Adaptação de REGO (2003).

ANEXO D – HISTÓRIAS DE VIDA DE ALUNOS E ALUNAS DA ROÇA QUE ESTUDAM NA CIDADE

HISTÓRIA DE VIDA Nº 01 – JACIEL

Eu sou Jaciel, não tenho o que falar assim do meu nome. Minha mãe casou com meu pai, teve três filhos: eu sou o último filho. Minha mãe morreu, eu tinha dois anos de idade... nem lembro mais. Aí meu pai foi embora pra Salvador, e eu fiquei mais minha vó e meu vô – eu moro com minha vó até hoje. Morava com meu avô, mas ele faleceu também. Meus avôs foi minha família, quem me criou. Só mora eu, minha tia e minha vó; a gente mora aqui desde quando eu vim de Salvador. Meus irmãos são tudo casado, só eu que sou o mais novo. Meu avô morreu; ele era um meio ignorante com as coisa de hoje, nosso pensamento era diferente em algumas coisa. Hoje eu só tenho minha vó. E, como minha mãe morreu quando eu era pequeno, eu posso dizer que não conheci. Eu lembro da minha mãe só pela foto.

Minha infância começou aqui em Serrolândia – eu nasci aqui. A partir de seis mês de idade, minha mãe foi embora pra Salvador. Eu fiquei em Salvador até os dois anos de idade – foi quando ela morreu. Aí depois eu voltei pra morar com os meus avós na roça, no Tanque Novo. Comecei a morar com meus avô na roça, mais os irmãos também trabalhando, ajudando na lavoura, apartano bezerro. Comecei com sete anos a trabalhar na roça: eu plantava milho, feijão, capinava, serviço leve da roça. Na infância, eu lembro que nós vinha pra feira, eu e meu irmão Mauriço, a gente vinha dentro dos caçuá, um do lado outro do outro, meu avô vinha montado no jegue e nós nos caçuá. Era uma festa, a gente adorava chegar na feira dentro dos caçuá. A gente brincava também de carrinho, fazia de litro, fazia uns curralzinho de paus enficado, uns boi de incó, uma fruta chamada incó, fazia as perna de pau e dizia que era os boi, nós brincava de cavalo de pau, negócio de boca de forno, essas coisa.

Quando eu era pequeno, eu era um meio traquino, fazia muita malineza. Brigava um bocado, morava perto de Cleverton; nós já brigava um bocado quando era pequeno. Nós morava lá perto. Tinha um irmão também que eu brigava mais ele, era um pau danado, era uma surra arruinada. O velho, meu avô, caprichava. Nós brincava de tanta coisa, brincava mais os primo lá que morava tudo perto. Sabe qual era a brincadeira? Pegava um, dizia que era o boi, e o

outro corria e pegava no short do outro, saía correndo e picava ((jogava)) no chão para derrubar. Desde pequeno, eu montava em animal. Trabalhava, ia ajudava montava em animal. Eu aprendi a trabalhar na roça, quando era pequeno, sob as ordens do meu avô. Quando eu era pequeno mesmo, eu ia pra roça: plantava mandioca, jogando as mandioca, plantando feijão. O velho ((avô)) brigando pra não plantar errado. Aprendi logo que feijão se planta só três caroço. “É TRÊS CAROÇO” – quando plantava mais de três, o velho endoidava; não podia afundar demais as covas do feijão, do milho: tudo tinha que ser certinho, como se fosse medido, porque ele já ensinava assim a forma certa da coisa, sabe, as base certa pra plantar. Se plantar mais de três, embassoca: nasce uns sôbe os zôzotro e não pode ser cinco não. A base é três caroço de feijão pra ele poder dá de verdade. Se você bota cinco caroço, como eu fazia, é demais porque ensombra, ele não carrega pra dá, fica um no outro. Coloca os três, porque, se um falhar, tem os outros. E o feijão eu sempre plantei muito, catava, botava no saco e usava cinza pra não gurgulhar, porque feijão não guenta muito, dá logo gurgulho. Era pra ser sempre assim. Eu ficava na roça trabalhando, só trabalho leve, eu era meio preguiçoso, não gostava de trabalhar. O velho me botava pra trabalhar: “Ei, tô com dor de cabeça, vou em casa tomar um remédio”. Corria pra casa. Isso era com sete e oito anos. Aí eu corria pra casa, ficava lá dando maçada pra não chegar na roça cedo, eu era preguiçosinho. E outra coisa foi a escola que eu comecei com nove anos, que marcou também a minha infância, pois lá minhas recordação é do recreio que tinha muita brincadeira com os colega; a gente também aprontava, e a professora colocava de castigo. Na minha infância mesmo, tinha que se dividir no trabalho e na escola... isso até hoje.

Eu comecei a estudar com nove anos na Escola da Caiçara; ia a pé, caminhava base de dois quilômetro a pé dentro das capoeiras, dos matos, andava lá por dentro do mato. Estudava de manhã, saía de casa sete horas e chegava lá oito horas, sete e meia. Quando a gente chegava da escola, ainda ia pra roça; quando chegava cedo, chegava da escola e ia pra roça. Quando eu comecei a estudar, eu estudava mais Vertinho, nós estudava lá na Caiçara. Uma vez mesmo, a professora batia nós com a régua, batia, botava nós de castigo; uma vez mesmo, ela me botou de castigo, eu fiquei lá e ela vacilou e eu pulei a janela do colégio e fui embora pra casa. Ela botava milho, pedrinha miudinha, virado o rosto pra parede. Teve uma vez que Cleverton estudava mais eu lá na Caiçara, a professora terminou o recreio e nós ficou brincando de bola; a professora chamou e nós não foi, aí quando nós entrou pra dentro da sala, já passado da hora, a professora botou tudinho de castigo. E tinha uma coisa assim: logo, logo eu gostava da matéria de matemática. Aí eu comecei a estudar mais os aluno, e a professora dizia assim:

“Quem responder a conta bate os zôtro com a palmatória” (uma tábua grossa, grande). Quem respondia batia o outro que errava, tome, batia botava pra ficar vermelho. Quando era dia de tabuada, eu me matava de estudar, decorar – eu era bom nisso. Até hoje eu tenho que me sair bem em matemática pra poder ficar livre dela. Eu lembro que eu decorava a tabuada como se fosse uma música: um mais um, dois; dois mais dois, quatro; três mais três, seis, e assim vai. A professora já perguntava com a palmatória na mão, mas eu respondia; era difícil levar um bolo, eu levava por outras coisas não pela tabuada. E era tudo junto, os alunos da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª, e a professora não tinha estudo não – até hoje ela não é formada ainda; ensinava sem ser formada (naquele tempo que podia ensinar assim).

A 4ª eu fiz num grupo escolar do Povoado de Salaminho. Nós ia de bicicleta: eu e Vertinho. A gente fez até a 8ª lá indo de bicicleta. Nesse tempo, eu não tive muita dificuldade não porque, quando eu passei pra 5ª, já passei com os colegas que tava na 4ª, e os zôtros ((colegas)) parou de arriliar, se acostumou e não arriliava mais. Eu repeti a 5ª e 6ª série, eu não se interessava pra estudar; ficava só brincano. No costume dos outro aluno da rua, levei muita suspensão; era suspenso, bagunçava, brigava lá na sala, e a diretora suspendia. Uma vez, eu fiz uma presepada – tinha uns fio lá no colégio –, e eu enfiei um negativo no positivo; aí queimou as luz tudo do colégio. Aí depois eu fui pra Serrolândia no 1º e 2º ano, no EJA, pro Colégio Estadual, em 2006, vinha em uma caravan e agora a gente tá numa Kombi. Nós teve uma dificuldade no começo do ano; eu mais Vertinho, de noite, nós tinha que passar por dentro da água. O carro não passava, e nós tinha que vim por dentro da água de canoa porque ficava longe pro carro fazer o arroteio por longe; aí não dava pra ir até a porta mode a água. O carro não passava porque a estrada estava interditada, cheia de lama, atolava; aí nós vinha por dentro d’água e nós ia de canoa: nós arrumou uma canoa. Eu tenho um tio que mora no Serrote, no açude, e os fios dele tem uma canoa; e nós pegou e levou pra lá e, chegando lá, nós passava, era muita água no riacho e é baixo e tem uma barragem embaixo e, quando chovia, enchia tudo. Então pra vim pro colégio... nós saía de casa... a canoa ficava lá, e nós pegava a canoa e passava pro outro lado; depois caminhava base de meio quilômetro pra pegar o carro mais na frente e depois, de carro, vinha pro colégio. A gente andava a pé, usava a canoa e o carro, na época de chuva. Quando chegou aqui em Serrolândia, a gente tinha dificuldade pra conversar, tanto que na sala a gente ficava mais queto, só na hora de apresentar o trabalho, não tinha jeito, a gente falava. Fora isso, ficava em silêncio, com vergonha, medo, tudo misturado, era medo de errar, de ser criticado.

A escola da cidade é muito diferente da roça, pois, na roça, o cara estudava tudo embutido com aquele tanto de aluno; a professora não tinha como dá os assuntos certo: dava um taco a um, um taco a outro... Pegava os assunto de primeira série e dava pros da terceira e aí os aluno não aprendia. Já o estudo hoje eu já tô entrosado, não tenho mais dificuldade; já faço até grupo aqui com o povo da cidade! Tem poucos dia que a gente fez trabalho, e eu apresentei com o pessoal daqui, do Salaminho. Tô participano mais, falano mais; já tô acostumado com a forma da escola. Agora eu continuo com meu jeito mesmo, não acho que tenho que imitar o povo de lá ((cidade)) não; tenho meu jeito mesmo. Eu estudo no EJA, mas, se o cara se pudesse estudar o 1º e o 2º separado, era bom, porque tinha tempo pra aprender mais. Esse EJA é bom porque eu tô atrasado, eu perdi de ano, eu tava atrasado nos meus estudo – pra não ficar atrasado, ajuda.

Eu sempre trabalhei na roça: eu já plantei feijão de máquina, plantei milho de máquina, capim de máquina. Só tive outra experiência de trabalho só no rodeio, na montaria. Agora na roça eu sei capinar, rancar tôco, tirar leite, dá vacina no animal, tirar sangue de cavalo pra fazer exame, pois todo ano a pessoa tem que se prevenir tirano o sangue do cavalo. A gente tira com a seringa descartável, coloca em conserva e leva pro veterinário. A gente tira o sangue na veia do pescoço do cavalo. Eu aprendi vendo o pessoal fazendo, o próprio veterinário; aí passei a fazer. Sei também na roça me localizar pelo sol, não preciso nem de relógio. Eu aprendi também a fazer chula por tradição. Desde pequeno, meu avô gostava muito. Meu tio é sambador, ele samba... aí eu aprendi. Eu comecei a fazer isso desde os meus treze anos. Eu participo na roça, na cidade; no Salamin, todo ano tem. Eu bato tambor, uma cuia, um prato, sambo, faço piega. É difícil encontrar gente novo como eu no samba, na piega, na chula, eu faço mais com o pessoal mais velho, mas eu faço porque eu gosto. Na tradição do meu avô, tem também esse negócio de montar a cavalo, argolinha, até hoje eu gosto. Aprendi lá na roça com meus avós pela tradição deles a chula, o reis. Acho que lá na roça é muito bom também o sossego, o ar que a gente respira, a tranqüilidade.

O que eu penso no futuro é trabalhar pra ter alguma coisa lá na frente, pretendo sair pra fora, trabalhar com carro, sair da roça. Eu tô quereno ir pra Salvador, trabalhar com caminhão, tirar a carteira e ir trabalhar com o meu irmão. Não penso em ficar na roça não: quero sair de lá. Também não penso em continuar estudar não, só terminar isso a pulso. Eu penso em me formar; só concluir porque o gasto pro estudo é grande. Sair pra fora pra estudar mais tem um gasto grande pra fazer uma faculdade. Eu quando vim estudar aqui em Serrolândia, foi

porque lá onde eu morava não tinha escola. E aqui eu encontrei algumas dificuldades, principalmente com os colegas. A escola não me mudou em nada nem na minha maneira de falar.

Eu gosto de trabalhar, de vez em quando sair pra umas festa, tomas umas duas. Não participo de nenhuma religião, mas acredito em Deus.

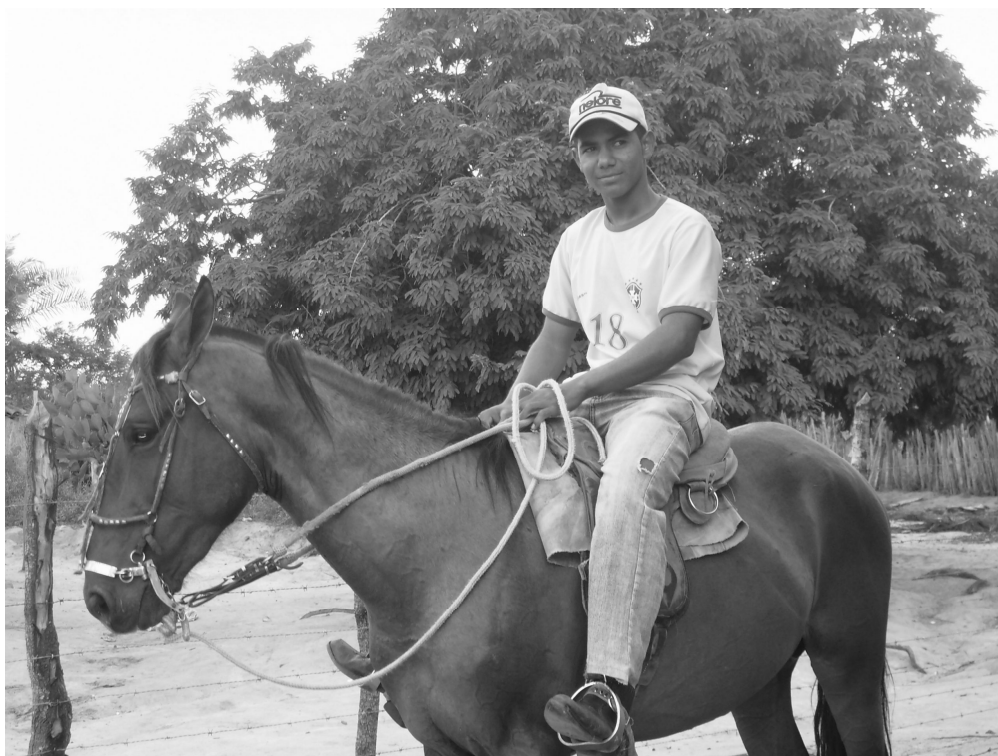


Foto 01 – Jaciél, na Fazenda Tanque Novo, em 22/07/07.